



O
DUQUE *que Eu*
CONQUISTEI

SEGREDOS DE CHARLOTTE STREET
LIVRO 1

SCARLETT PECKHAM

Título original: *The Duke I Tempted*
Copyright © 2018 por Scarlett Peckham
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Geni Hirata
preparo de originais: Sheila Til
revisão: Camila Figueiredo e Taís Monteiro
projeto gráfico e diagramação: Ana Paula Daudt Brandão
capa: Aero Gallerie: aerogallerie.com
adaptação de capa: Gustavo Cardozo
impressão e acabamento: Associação Religiosa Imprensa da Fé

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P384d Peckham, Scarlett
O duque que eu conquistei / Scarlett Peckham; tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2020.
288 p.; 16 x 23 cm. (Segredos de Charlotte Street; 1)
Tradução de: The duke I tempted
ISBN 978-85-8041-868-2
1. Romance americano. I. Hirata, Geni. II. Título.
III. Série.

20-63491

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minha mãe, minhas avós
e todas as mulheres que deixaram
seus romances espalhados por aí,
onde eu poderia roubá-los.*

A culpa disto tudo é de vocês.

(E serei eternamente grata por isso.)



Capítulo um

Threadneedle Street, Londres

31 de maio de 1753

— **M**aldição! – murmurou Archer Stonewell, duque de Westmead, para a escuridão noturna de seu escritório.

Ao seu lado, a única vela tremulou e se apagou, como se em solidariedade. Não havia ninguém ali para vê-lo desmoronar, um homem adulto abalado por um simples pedaço de papel enviado por uma jovem de não mais de 20 anos.

Seus dias de solteiro estão contados, meu querido irmão, Constance havia escrito, em uma caligrafia tão floreada que parecia zombar de seu infortúnio. O baile está marcado para o final de julho e vai ser sensacional. Toda dama que entrar em Westhaven vai querer sair como nada menos que sua duquesa. Tente desfrutar seu último mês de amarga e irredutível solidão, pois pretendo que se case até o outono. (E não me olhe desse jeito, Archer, sinto sua fúria no papel!)

A chuva batia em suas valiosas janelas de vitrais, companheira adequada para o pavor que se expandia em seu estômago. Normalmente, ele tinha prazer em ficar no escritório vazio, com as fileiras de livros contábeis que registravam a transformação de seus investimentos em um império e os mapas que reduziam o país a mercados só aguardando serem explorados. Aquele prédio era um templo aos deuses da ordem e do controle, e nada o deixava mais relaxado.

Mas não nesse dia.

Aquela antiga neblina já começava a baixar.

Ele não era alheio à insensatez da própria reação. Afinal, fora ele quem cerrara os dentes e declarara que o nascimento de um herdeiro para seu ducado era um dever moral urgente. Fora ele quem contratara arquitetos

para restaurar os dilapidados salões de Westhaven, fora ele quem proclamara que era hora de pôr fim à decadência fantasmagórica daquela mansão e encontrar uma esposa para habitá-la.

Ele dera as ordens. Pagara para que fossem cumpridas. Ainda que preferisse a própria vida do jeito que era: deserta, imaculada, livre de qualquer coisa que lhe evocasse o passado.

Ainda que a única coisa no mundo que ele quisesse menos que uma esposa fosse um filho.

Basta.

Pegou a pena e cumpriu sua responsabilidade para com seus arrendatários, sua família e a Coroa: escreveu apressadamente uma palavra de agradecimento a Constance por seus esforços, assinou, derreteu um círculo de cera vermelha sobre o papel dobrado e a selou com o brasão do título que em momento algum desejara, mas que estava obrigado a proteger a todo custo: *duque de Westmead*.

Vestiu o casaco, apagou o fogo e desceu os degraus mal-iluminados que levavam à Threadneedle Street, onde o cocheiro o aguardava.

– Para casa, Vossa Graça?

Ele hesitou.

Vinha sendo muito, muito cuidadoso fazia muito, muito tempo.

– Vamos fazer uma parada primeiro. Charlotte Street, número 23.

Ele fechou os olhos e afundou no assento, deixando-se levar pelo compasso da carruagem que serpenteava em direção a Mary-le-Bone. Fazia semanas que não visitava aquele endereço. Desde então, os rumores sobre a existência do estabelecimento e especulações desprezíveis sobre o que acontecia lá – e o tipo de homem que o frequentava – se tornaram praticamente um esporte nos cafés e clubes de cavalheiros.

Os interesses dele eram arriscados. Aquele não era o momento ideal para ser rotulado como depravado ou algo ainda pior.

Mas a cautela tinha limites. Em certas noites, um homem precisava ser pervertido.

E ele certamente não deixaria de usufruir daqueles prazeres!

A casa parecia a mesma. Tijolos claros, um alpendre discreto; a velha porta preta sem identificação, também discreta como sempre. A rua abençoadamente deserta.

À batida, a jovem e circunspecta criada que o recebeu pegou a chave de ferro do cordão que ele levava no pescoço e o conduziu ao salão da proprietária sem tecer comentários. Elena estava sentada junto ao fogo em seus habituais trajes pretos. Ao contrário da maioria das mulheres de sua profissão, ela usava roupas sóbrias e recatadas, mais como as vestes de uma freira do que as sedas decotadas de uma cortesã. O que era apropriado, já que seu ofício estava mais para a punição do que para o prazer.

– Sra. Brearley, um visitante – anunciou a criada.

Ele não disse nada. E Elena o conhecia bem o suficiente para compreender que, se ele fora procurá-la, não estaria com disposição para as gentilezas de praxe.

– Escolha seus instrumentos, tire a roupa e espere – ordenou Elena.

A criada o levou para o quarto vazio e sem janelas. Era iluminado por velas e continha pouco mais que uma almofada no chão e um aparador. Depois que a jovem saiu, ele passou pelo ritual que aperfeiçoara ao longo de uma década naqueles aposentos. Correu o olhar pelos artigos dispostos nas prateleiras ao longo da parede: correias de couro, chicotes, todo tipo de instrumento de imobilização. Como sempre, escolheu as varas de vidoeiro, mantidas numa bacia rasa de água para permanecerem verdes e flexíveis, e um elegante chicote trançado com tiras douradas. Dispôs os itens sobre um pano de veludo deixado em um aparador para esse fim e dobrou as roupas despidas, colocando-as ao lado deles. Nu, exceto pela camisa de baixo, ajoelhou-se de frente para a parede a fim de esperar por ela.

Ela o faria esperar. Afinal de contas, testar a resistência ao sofrimento era seu dom.

Ele ouviu os passos no corredor.

– Quietos – ordenou ela ao entrar. – Senão eu o amordaço.

Ela o vendou com um pano preto grosseiro e deu um forte nó, repuxando o cabelo. O tecido cheirava a lixívia.

– Eu não mandei tirar a roupa?

De fato. Mas a provocação tornava os procedimentos muito mais interessantes.

Ela o pegou pelo colarinho e deu um puxão para trás. Archer sentiu um toque frio de metal na nuca: a lâmina de uma tesoura. Ouviu um corte,

seguido do ruído do tecido fino sendo rasgado. Sua camisa escorregou dos ombros e caiu nas coxas. E com ela se foi a tensão acumulada no pescoço.

Ele sentia as saias de Elena roçarem sua pele enquanto ela amarrava um punhado de varas para formar a chibata. Ele se preparou, ouvindo o zumbido agudo conforme ela a testava no ar.

A primeira chicotada foi um choque, embora ele já esperasse recebê-la e a desejasse. Pressionou a palma das mãos no chão e arqueou as costas para o golpe seguinte.

Sua mente clareou.

Pela primeira vez em muitos dias ele sorriu.

Fechou os olhos de alívio e sentiu que finalmente começava a despertar.

Capítulo dois

Grove Vale, Wiltshire

14 de julho de 1753

Abrir caixotes de transporte não era atividade para uma dama, mas Poppy Cavendish duvidava seriamente de haver vantagens em ser considerada uma dama.

Posicionou a garra do martelo no último prego e puxou o cabo com toda a força que seu corpo rijo podia reunir. Esperava por aquela encomenda que levava o selo do Sr. Alva Carpenter, do outro lado do Atlântico, havia meses e não pretendia esperar nem um segundo mais.

O prego cedeu com um estalido satisfatório. O odor de folhas secas e musgo se espalhou ao seu redor. Ela fechou os olhos e respirou fundo. O ar cheirava a almíscar, terra e oportunidade.

Dentro da caixa, as bandejas de raízes e bulbos haviam sido embaladas com esmero e cada item recebera o número correspondente a uma página do catálogo de esboços mostrando as plantas maduras que se tornariam. Poppy queria muito desembrulhá-los, com cuidado para não danificar as plantas frágeis que haviam viajado tanto e para tão longe. Ela prendeu a respiração enquanto alcançava o fundo da caixa.

Suas mãos encontraram o que procuravam. *Magnolia virginiana*. Finalmente.

As mudas haviam sobrevivido à umidade e à agitação da viagem pelo mar, pelo rio Tâmsa e pelas sinuosas estradas rurais de Wiltshire. Havia oito ali: galhos grossos e robustos, as folhas, antes lustrosas, agora secas e sem brilho, mas ainda intactas.

Poppy só esperava que não tivessem chegado tarde demais.

Um mês antes, ela não teria demorado a remover as folhas inferiores das

mudas e transplantá-las para vasos na estufa a fim de criarem raízes. Agora esse trabalho teria que esperar. Ela as envolveu em um pano úmido e as colocou em uma nesga de luz solar para protegê-las. Havia assuntos mais urgentes para tratar.

Uma vida precisava ser salva. A dela.

Voltou a atenção para sua mesa, onde o livro-razão gordo e sujo de terra registrava, fileira após fileira, a soma impossível de dinheiro de que ela precisava para salvar seu horto e o tempo ínfimo que lhe restava para consegui-lo.

Duas semanas: era o período a que seu destino fora reduzido. Todos os seus sonhos tinham sido limitados ao que ela pudesse carregar por uma estrada rural para cinco quilômetros dali entre aquele instante e o dia primeiro de agosto.

Esfregou os olhos. Não importava de que maneira ela reorganizasse os números, eles não fechavam. A tarefa diante dela exigia pelo menos uma de duas coisas: mão de obra ou capital. Contudo, mesmo que dispusesse de dinheiro, sempre que tentara contratar trabalhadores temporários obtivera a mesma resposta exasperadora: ninguém disponível devido às reformas em Westhaven. Cada alma de Grove Vale – ou mesmo de todo o condado de Wiltshire – fisicamente apta para trabalhar tinha sido contratada pelo duque de Westmead.

Se Poppy não conseguisse contratar mais gente, não conseguiria transferir o horto e seu futuro estaria à mercê de... *Pare*, ordenou a si mesma. Se deixasse os pensamentos vagarem naquela direção, sua mente afundaria num turbilhão de cenários cada vez mais desastrosos. Ela precisava se concentrar nas tarefas possíveis. Sua única salvação era agir depressa.

– Poppy.

Ela deu meia-volta. Um homem de ombros largos estava parado à porta do galpão, encostado no batente com tal senso de propriedade que parecia ter ele mesmo construído o lugar.

– Tom! – exclamou ela, levando a mão ao coração como a velha solteirona que sem dúvida estava fadada a se tornar.

A habilidade de Tom Raridan de ir e vir sem ser detectado era seu maior talento. Ainda que ele fizesse isso desde que os dois eram crianças, Poppy continuava a se assustar.

– Poppy – repetiu ele, correndo os olhos por ela da maneira que a deixava desconfortável.

Tom nunca fora um homem franzino e se tornara ainda mais corpulento nos dois anos que passara na cidade grande. Longe do sol de verão de Wiltshire, seu cabelo estava mais escuro – sem o tom flamejante da infância, tendia agora para o castanho-avermelhado. Mas o sorriso era o mesmo de quando ela o vira pela última vez. Um pouco familiar demais.

– Eu vim assim que soube do seu tio – disse ele. – Você deveria ter escrito para mim. E pensar que descobri pela correspondência de minha mãe...

Maldição. Ele estava certo. Ela estava tão mergulhada em pânico pela morte súbita do tio e no caos que isso provocara em sua vida que não tratara de forma adequada as sutilezas do luto. Não enviara cartas. Não seguira tradições. Seu bondoso tio gostava muito de Tom e merecia melhor tratamento.

– Desculpe, Tom. Receio que tenho andado preocupada. O herdeiro de tio Charles chega daqui a quinze dias para tomar posse de Bantham Park. Precisei me apressar para... organizar meus pertences.

– Quinze dias? – repetiu ele, e soltou um assobio em direção às prateleiras de plantas e mudas ao redor, as paredes forradas do chão ao teto com ferramentas, vasos e sacos de sementes e musgo. – E o que vai fazer com tudo isto?

– Meu tio me deixou a casa de campo em Greenwoods, a única parte de seus bens que ele podia alienar. Eu pretendo mudar o horto para lá.

– Transportar um horto inteiro? Como espera fazer isso?

Ela suspirou.

– Com muito esforço.

Tom balançou a cabeça.

– Você sempre adorou uma tarefa impossível. Nunca o caminho mais fácil para a nossa Poppy.

Ela suspirou de novo. Ele não estava errado, mas Poppy se cansara do hábito dele de comentar assuntos que não eram de sua conta.

Não que apenas Tom houvesse feito esse comentário. Poppy tinha a reputação de ser impossível, embora não gostasse. A questão era que o tal caminho fácil raramente a levava aonde queria. O mundo não fora feito para moças solteiras ambiciosas. Era preciso ser bastante exigente e impopular se quisesse uma chance de sucesso.

Porém nem mesmo ela teria assumido por opção uma tarefa tão insana. Durante anos, o tio deixara claro que ela herdaria sua fortuna particular. Somente na leitura do testamento fora revelado que Bantham Park vinha sendo improdutiva fazia mais de uma década.

Não havia fortuna particular. Seus sonhos e seu sustento dependeriam dos caprichos de um primo distante que ela nunca conheceria.

E o tio, o querido velhinho que ela amava e em quem confiava mais do que em qualquer outra pessoa, de alguma forma não tivera coragem de lhe contar aquilo.

– É um dia lindo demais para ficar neste velho barracão bolorento preocupando-se com plantas – declarou Tom, folheando o livro-razão com desgosto. – Venha comigo dar uma volta no jardim.

Ela olhou para o livro-razão e hesitou. Não tinha tempo para passeios. Mas Tom podia ser difícil. Era mais simples ceder à sua vontade e esperar que ele ficasse entediado e fosse embora do que contrariá-lo.

– Está bem. Mas só até a estufa. Tenho que terminar a poda enquanto ainda está claro.

O caminho que saía do galpão atravessava seu pequeno império, deslumbrante ao sol de verão. O horto e os jardins murados resplandeciam com a vegetação florida de julho. No campo mais além, cresciam bosques de árvores frutíferas e suas preciosas mudas exóticas, juntamente com fileiras e mais fileiras de árvores inglesas. Raios de sol dançavam no telhado da pequena estufa, onde suas flores se banhavam na luz da tarde. Poppy mal podia acreditar que, em duas semanas, perderia tudo aquilo.

– O que perdi em Grove Vale nestes últimos meses? – perguntou Tom, aproximando-se para que seu braço tocasse o dela.

Poppy se afastou.

– A reforma de Westhaven está quase concluída. Você deveria ir até lá para ver a casa. Virou um palácio. Eu até já vendi algumas árvores para eles.

Tom olhou para ela com interesse.

– Fez negócios com o duque? Tenho um empreendimento em que ele pode ter interesse em investir. Daria minha mão direita para ser apresentado a ele.

Ele piscou para Poppy.

– Receio que meus negócios não tenham sido com ninguém mais im-

portante do que o jardineiro-chefe. Ele próprio já é um sujeito bastante autoritário. Se o jardineiro é tão arrogante, tremo só de pensar em como deve ser o duque.

Ela olhou para o céu. Estava ficando tarde. Precisava voltar ao trabalho.

– Foi gentil da sua parte vir, Tom – disse ela, esperando que ele entendesse a deixa. – Desnecessário, mas gentil.

– Poppy, quando o assunto é você, nada é desnecessário.

Ela preferiu ignorar as segundas intenções na voz dele e caminhou mais rápido em direção à estufa, mas ele a fez parar embaixo de uma antiga macieira. Audaciosamente, segurou a mão dela.

– Permita-me esta liberdade – sussurrou, depois deu um beijo no pulso dela.

O pavor revirou as entranhas de Poppy. Claro. Aquele era o motivo para ele ter se dado o trabalho de sair de Londres quando uma carta de condolências teria sido suficiente.

Agora que ela estava sozinha, ele achava que teria uma chance.

– Tom, por favor – falou Poppy, retirando a mão.

Ele se aproximou mais, ainda assim.

– Você sabe por que vim, não sabe? Nunca fiz segredo do meu apreço por você. Minha posição em Londres é segura, tenho o suficiente para construir uma vida para nós na cidade.

Ele se ajoelhou na grama, um sorriso gentil e intenso nos olhos.

– Poppy, me dê a honra de ser minha esposa.

Ela queria muito que ele se levantasse.

– Fico lisonjeada. Mas você, mais que qualquer um, sabe que não tenho intenção de me casar.

Ele exibiu um sorriso enviesado e esperançoso.

– Você *finge* que não quer se casar para poupar as pessoas de pensarem que ninguém vai querê-la. Não precisa mais fazer isso. Você não vê? Você não é o que a maioria dos homens quer, mas é o que *eu* quero. Toda aquela conversa fiada sobre você ser uma solteirona louca, eu vou desmentir.

Ela se irritou.

– *Você* não vai fazer nada disso. Por favor...

– Poppy, não seja tola. Não pode ficar aqui sozinha. Deixe todos esses arbustos para trás – disse ele, gesticulando para as plantas que ela cultivava

com tanto carinho desde a infância. – Vou comprar vestidos novos para você. Teremos aposentos privados, uma cozinheira e uma empregada. Em poucos anos possuirei o suficiente para comprar um cavalo. Até mesmo antes, se eu conseguir encontrar um lugar melhor. Venha para Londres comigo. Como minha esposa.

– Não – disse ela com firmeza.

A compaixão que sentira inicialmente por decepcioná-lo fora destruída a cada frase do discurso dele.

– E, por favor, levante-se – completou.

O rosto dele se transfigurou. A luz de seus olhos se embaçou, depois escureceu. Ela desviou o olhar.

– Desculpe, Tom. Mesmo. Sou grata por sua amizade. Mas minha vida é aqui.

As faces dele se ruborizaram.

– Amizade. É assim que você chama? Porque eu poderia chamar de outra coisa. Ou você distribui seus favores a todos os amigos?

Ela fechou os olhos. Fora um único momento na floresta. Um momento muito breve, fazia quase cinco anos, quando ele fora ajudá-la a colher musgos. Ela rira de algo que ele tinha dito e ele a empurrara contra uma árvore e a beijara. E, por cerca de meio segundo, ela havia permitido – se ficar paralisada pudesse ser considerado dar permissão – que isso acontecesse, antes que se afastasse em choque.

Eles nunca haviam falado sobre isso. Mas, desde aquele dia, Tom passara a olhar para ela como se soubesse algo a seu respeito que ela própria desconhecia.

Como se ele tivesse algum direito sobre ela.

E, como ele era o favorito de seu tio, a ajudava no horto e lhe mandava plantas de Londres, ela continuara sorrindo e fingindo não ver esse sentimento, fingindo que ele não se infiltrava sob sua pele e lhe causava uma irritação que vinha dos ossos.

Ela estava cansada, mortalmente cansada daquilo.

Respirou fundo e enfrentou com calma aquele olhar ofendido.

– Tom, você sempre foi meu amigo. Espero que continue sendo. Mas não tenho nenhuma intenção de me casar com você nem com ninguém. Se foi por isso que veio, tenho que lhe pedir que vá embora.

Ele ficou boquiaberto. Seu rosto se anuviou com uma mistura de perplexidade e mágoa.

A raiva dela se esvaiu quando ele assumiu a antiga expressão de tristeza do garoto que fora um dia. Pobre Tom. Ele era cheio de pose, mas não era pior do que os outros homens. E fora gentil com ela, apesar de toda a sua insuportável presunção.

– Tenho certeza que você vai encontrar uma esposa adorável. Uma mulher muito mais adequada do que eu.

Os olhos dele ficaram escuros e vidrados, como os de um cachorro prestes a atacar.

– Mas você não se sairá bem, Srta. Cavendish. Eu juro.

Ele se virou e se afastou às pressas, o pescoço e os braços grossos comprimidos em torno do tronco como se protegessem um coração ferido. Ela o observou se afastar até não suportar mais a visão.

Como ele pudera confundir as intenções dela daquela forma? Ele, que ouvira todos os grandes planos dela durante anos? Supor que ela iria desistir do trabalho de sua vida – a paixão na qual investira todos os esforços e cada xelim – em troca de um apartamento em Londres e uma empregada doméstica? Era mais provável que ela navegasse para a Índia ou cortasse o próprio braço e o entregasse à cozinheira londrina de Tom Raridan para ser servido no jantar.

O que ela queria não era um marido. Era finalmente ser livre, não depender de homens. Toda a sua vida havia sido ditada pelo destino deles: suas mortes que a mergulharam em uma crise atrás da outra; sua caridade que lhe permitira sobreviver, economizar e firmar a tênue base de seus negócios; suas meias-verdades que sabotaram suas ambições. Ela estava cansada de precisar de permissão, dispensa, bondade. Pretendia ser a senhora do próprio destino. E, por observar os caminhos do mundo, havia algo de que tinha certeza: não se obtém esse tipo de poder através do casamento.

Recostou-se na parede de vidro quente da estufa e ficou ali por um momento, deixando seu calor acalmar os arrepios que tinham aflorado em seus braços apesar do brilho do sol. Tom estava certo sobre uma coisa: ela estava completamente sozinha. Respirando o ar ameno e com cheiro de argila da estufa, ela sentiu isso. Se havia alguma chance de garantir sua

independência, ela precisaria encontrar em si mesma a vontade indomável que tantos a acusavam, não carinhosamente, de possuir.

Esperou até que suas mãos parassem de tremer e começou a podar suas fileiras de plumérias em vasos – uma tarefa braçal, repetitiva, que sempre a ajudava a clarear a mente. Recebia com prazer o perfume das flores que flutuava ao redor enquanto trabalhava. Ela se esforçava nas pontas dos pés para alcançar os galhos das plantas na prateleira mais alta, cantarolando para si mesma.

– Srta. Cavendish, não é? – disse um homem, assustando-a.

Ela perdeu o equilíbrio e uma planta tombou em direção à sua cabeça.

O homem se pôs à frente de Poppy em um salto, impedindo por um triz que o vaso atingisse o nariz dela e fazendo com que batesse no próprio ombro. Para salvar a jovem, o homem alto acabou por encurralá-la contra as prateleiras diante deles. Fragmentos de folhagem perfumada atingiram a face e o pescoço de Poppy. Algo passou por sua nuca – o linho engomado do lenço do homem.

Ah, que dia maldito. Ela já não tinha problemas suficientes sem que cavalheiros não convidados aparecessem em cada canto do seu horto? Perturbando-a com indesejáveis propostas de casamento? Agredindo-a com plantas?

Ela esticou o pescoço para ver melhor o novo intruso, que já colocara o vaso de volta na prateleira e tentava desvencilhar os botões do próprio colete dos laços do grosso espartilho de trabalho de Poppy, feito de couro.

E então ela corou, tomada por um desejo súbito e louco de estar usando qualquer coisa – qualquer coisa – que não fosse um chapéu de palha e um vestido de jardinagem velho e desbotado.

Aquele estranho não era exatamente um sujeito bonito. O nariz era torto, como se tivesse sido quebrado uma vez, e seus olhos eram escuros, com sobrancelhas grossas. Mas o perfil aquilino somado à roupa imaculada, à estatura alta e à constituição esbelta quase lhe tirou o fôlego. Se ele não tivesse esbarrado nela e causado tanto estrago em seu último resquício de paz no dia mais perturbador de sua vida, ela poderia até ter gostado dele.

Em vez disso, estreitou os olhos.

– Quem é o senhor?

– Archer! – trinou uma mulher de voz gutural e elegante, da porta de entrada. – Por favor, diga-me que a mulher que você está abordando não é a nossa Srta. Cavendish.

O homem liberou seu último botão e se afastou, voltando-se para a recém-chegada com um sorriso cáustico.

– Eu não saberia dizer. Receio que ainda não tenhamos tido a chance de nos apresentar.

– Eu sou de fato a Srta. Cavendish. E este é o meu horto. Posso ser de alguma ajuda ou o senhor veio apenas para derrubar minhas plantas?

A mulher miúda deslizou para dentro com uma risada graciosa, as criolinas balançando perigosamente perto das frágeis gavinhas da passiflora de Poppy conforme ela caminhava.

– Perdoe-nos, Srta. Cavendish. Meu irmão tem um jeito muito curioso de fazer apresentações. Sou lady Constance Stonewell e este pobre homem mal-educado é o duque de Westmead.

Poppy reprimiu uma risada amarga. Westmead. *Claro que sim*. Quando o Universo resolve testar sua fibra, as provações vêm em cascata.

Westmead inclinou a cabeça, fazendo com que uma pétala branca tremulasse de seus cabelos lustrosos.

– Minhas sinceras desculpas por assustá-la, Srta. Cavendish. Não havia ninguém lá fora.

– É um prazer conhecê-los – disse Poppy, fazendo pouco esforço para infundir sinceridade em seu tom de voz. – A que devo essa honra?

– Você não vai gostar quando eu lhe disser – disse lady Constance, inclinando-se com um brilho nos olhos, como se ela e Poppy compartilhassem um longo histórico de piadas particulares. – Bem, suponho que já tenha negociado com meu jardineiro, o Sr. Maxwell.

Maxwell. Poppy quase gemeu ao ouvir esse nome. O homem andara atrás dela durante semanas, insistindo que ela assumisse a tarefa de decorar com flores um baile em Westhaven – nunca compreendendo que ela não era decoradora e definitivamente não estava disponível. A confusão tinha começado quando ela enviara arranjos florais como presente a algumas das grandes propriedades do condado, na esperança de atrair mais clientes para suas plantas exóticas. Junto com novos clientes, o plano tinha lhe angariado a inesperada reputação de artesã de arranjos sofisticados para salões de

baile. Uma reputação lisonjeira, mas que pouco fazia para viabilizar sua ambição de vender árvores.

– Um sujeito muito persistente, o Sr. Maxwell – disse ela. – Receio, no entanto...

– Não suficientemente persistente, pelo que vimos – interrompeu lady Constance. – Fiquei bastante desanimada ao saber que ele não teve sucesso em recrutar seus talentos, pois me disseram que a senhorita é um gênio, e há muita coisa em jogo nesse baile. Assim, vim para implorar. Ou, fracassando nisso, suborná-la com os bens mundanos do meu irmão.

Westmead, Poppy notou, dera as costas à conversa para examinar o conteúdo da estufa. Sentiu uma pontada de orgulho por aquele lugar ainda não ter sido destruído. Suas plantas exóticas estavam radiantes, perfumadas, uma explosão de verde e cores diversas. Nada comparável às fileiras áridas de cravos e laranjeiras que ele encontraria nos hortos medíocres de Westhaven.

– A senhora é muito gentil – disse Poppy, voltando à tarefa de aparar folhas para sinalizar que não tinha tempo para uma longa entrevista. – Detesto ser repetitiva, mas já deixei claro ao Sr. Maxwell que não tenho condições de aceitar essa encomenda. Estou ocupada com outros afazeres e, como tentei explicar, isto é um horto, não uma floricultura.

Westmead olhou para ela por cima do ombro e atraiu sua atenção.

– Mas é um *negócio*, não é, Srta. Cavendish?

Ela o presenteou com um sorriso tenso. Não gostava de ser tratada com condescendência. Especialmente por um duque.

– Isso mesmo, Vossa Graça – disse ela de forma amável.

Contudo, pronunciou cada palavra com a mesma pompa dele. Afinal, seu avô fora um visconde e sua mãe, uma lady. Ela podia falar assim se quisesse.

– Entretanto, acredito que eu esteja impossibilitada de aceitar novas encomendas devido ao fato de que todos os homens de Wiltshire parecem estar trabalhando para a sua família.

Lady Constance bateu palmas, como se essa fosse uma notícia maravilhosa.

– Ora, Srta. Cavendish, se o problema é mão de obra, eu teria prazer em colocar os recursos do meu irmão à sua disposição. Tenho certeza de que Sua Graça pode ajudar em tudo que for preciso.

Poppy deu a ambos o seu sorriso mais doce.

– Que gentil. Sua Graça poderia começar por movê-las para aquela prateleira mais alta – disse ela, indicando uma fileira de suculentas em potes pesados.

Ela aguardou, esperando que sua ousadia lhe valesse uma pronta re-preensão, seguida da partida dos convidados indesejados.

Westmead devolveu seu sorriso de forma igualmente agradável. Depois, tirou as luvas com calma, pegou uma cuba de *sempervivum* e a colocou onde Poppy solicitara.

A irmã dele ficou observando sem se alterar, como se ver um duque fazer a vontade de uma florista fosse algo muito comum.

– Srta. Cavendish, costuma ler os jornais de Londres? – perguntou ela.

– Não com frequência – respondeu Poppy, apreciando a visão: um duque limpando terra de seu colete de corte impecável.

– Então talvez não saiba da minha reputação de planejar espetáculos ímpios a custos indecorosos – disse ela, animada, como se essa descrição lhe desse grande orgulho. – Diga-lhe, Westmead.

– Eu posso atestar, no mínimo, os custos indecorosos – disse ele, pegando outra planta com uma piscadela.

– Faz muito tempo que ninguém, exceto a família, põe os pés em Westhaven, por isso é muito importante que meus convidados fiquem deslumbrados. Quero transformar todo o salão de baile num lindo jardim – continuou lady Constance. – Algo tão singular, belo e luxuoso que anfitriãs elegantes por toda a Grã-Bretanha e Europa ficarão em frenesi para copiá-lo, especialmente depois de eu ter escrito sobre isso em todos os jornais da cidade.

Ela fez uma pausa. O brilho em seus olhos havia se transformado em um fulgor de determinação.

– Não sou especialista em comércio, é claro, mas acho que uma mulher de negócios inteligente pode ponderar se a oportunidade de exibir seus talentos diante dos clientes mais ricos do país representa incentivo suficiente para que ela reorganize seus compromissos anteriores.

Poppy tentou reprimir a fúria diante da insinuação de que ela fosse tola.

– Meu compromisso anterior, como o chama, é, para mim, de maior valor do que a oportunidade que descreveu. Na verdade, é inestimável.

Com isso, Westmead se virou para ela com um sorriso satisfeito.

– Mas, Srta. Cavendish, tudo tem um preço.

– Seu jardineiro já me ofereceu o triplo da minha taxa habitual.

Ele sorriu.

– Eu não estava falando de dinheiro.

Lady Constance revirou os olhos.

– Agora você vai começar uma de suas tediosas palestras sobre negócios.

– Eu apenas ressaltaria para a Srta. Cavendish que um investidor astuto sabe que o dinheiro é apenas uma das muitas formas de moeda, e muitas vezes a menos valiosa.

– Talvez para um *duque* – Poppy não pôde deixar de retrucar.

Westmead riu.

– Vamos testar a teoria. A senhorita mencionou que necessita de mão de obra. De quantos homens precisa?

Poppy largou a espátula e cruzou os braços. Para fins da discussão, dobrou o número mínimo.

– Doze.

– Feito! – gritou lady Constance.

– Bem, na verdade não faz diferença quantos homens poderiam me fornecer, porque, se eu estiver fora decorando salas de visitas, não haverá ninguém *aqui* para supervisionar o trabalho deles.

– A não ser, claro, que tivesse um ajudante – emendou lady Constance. – Westmead tem um número assustador de assistentes vagando por aí. Farei com que um deles seja designado para a senhorita.

Poppy suspirou.

– Acho que não entenderam direito. O trabalho em que já estou envolvida tem que ser terminado em duas semanas e envolve transportar muitos acres de plantas e mercadorias por cinco quilômetros de uma estrada inacabada.

Westmead ergueu uma das sobancelhas.

– Agora está inventando desculpas, Srta. Cavendish, quando deveria estar extraindo promessas. Um negociador habilidoso deve ter instinto e saber quando pressionar.

O duque lhe sorria de forma irônica.

Poppy limpou as mãos no espartilho. Dissera a si mesma que tinha que corresponder às expectativas de sua reputação de pessoa endurecida. Se o duque queria uma negociação acirrada, ela lhe daria uma.

– Muito bem. Aqui estão as minhas exigências. Quinze homens, um assistente bem-preparado e o valor em dinheiro necessário para transportar minhas mercadorias até o dia 30 de julho. Além disso, pelo meu tempo e serviços, vou exigir uma taxa de 600 libras a ser paga antecipadamente.

A cifra era espantosa. E poderia salvá-la. Nenhuma pessoa sensata concordaria com sequer metade dela.

– Muito bem – disse lady Constance.

Westmead arqueou uma sobrancelha.

– Muito bem, Srta. Cavendish. Eu ousou dizer que está aprendendo.

Ela forçou seu rosto a exibir a expressão de uma mulher que não precisava de nenhuma lição.

– Há mais uma coisa que vou querer. Tenho um amigo que está interessado em fazer uma proposta de investimento para Vossa Graça. Deve me permitir apresentá-lo.

– Um amigo? – perguntou Westmead.

– Meu irmão ficaria encantado em marcar uma reunião – garantiu lady Constance depressa, lançando-lhe um olhar incisivo. – Não é mesmo, Vossa Graça?

– Encantado – repetiu ele, devagar.

– Perfeito – falou a irmã, sorrindo de forma radiante, mais uma vez a imagem do sol e da luz, agora que havia conseguido o que queria. – Srta. Cavendish, vou mandar uma carruagem para buscá-la pela manhã.

A dama estendeu a mão enluvada.

Então Poppy aceitou a única opção que lhe restava: um aperto de mãos.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

